



General Cordeiro de Farias

O Soldado e o Político: Convivência & Conflito

*Luiz de Alencar Araripe**

Extraordinária no General Oswaldo Cordeiro de Farias foi a reunião, na pessoa de um soldado, de notáveis atributos de homem de guerra, conspirador, revolucionário, político, estadista, empresário e... idealista. Atributos de intensidade capaz de assegurar-lhe forte presença no cenário brasileiro nas décadas de 20 a 70, de tal forma que raro será o acontecimento maior da vida do Brasil e do seu Exército nesse meio século do qual não tenha participado fortemente o General, cujo centenário de nascimento neste ano se comemora.

Assim se expressa o autor, em *sinopse* que acompanhou o original do artigo, em que narra as impressões que lhe deixou o General no contato pessoal que com ele teve nos idos de 1961 para, em seguida, apreciar, em diferentes tópicos, diversos aspectos de sua rica biografia e de sua época.

Ai, duas almas em meu peito habitam
Goethe – Fausto a Wagner (em frente à porta da cidade)

GUERRA CIVIL?

Agosto de 1961 foi um mês em que o Brasil pareceu estar no limiar de uma guerra civil. Depois de presidir às solenidades do Dia do Soldado, Jânio Quadros estarrecera o País e seus colaboradores mais estreitos, renunci-

ando à presidência da República. O Vice-Presidente João Goulart estava em visita à China e o Presidente da Câmara de Deputados, Ranieri Mazzili, assumira o lugar deixado vago por Jânio. Os ministros das três Forças Armadas haviam divulgado um manifesto profético, alertando o Brasil sobre o que significaria a posse de Jango. O

* Coronel de Artilharia e Estado-Maior. Sócio titular do IGHMB.

Governador Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul, reagiu. Foi para o rádio, formou a *Cadeia da Legalidade*, em pregações incendiárias, visando a mobilizar o seu estado e o Brasil em favor da posse do cunhado Jango. O Comandante do III Exército, General Machado Lopes, terminara por aderir ao Governador Brizola.

No Rio de Janeiro, onde ainda permanecia o EMFA - o Estado-Maior das Forças Armadas, seu Chefe, o General-de-Exército Oswaldo Cordeiro de Farias, fora nomeado Comandante do III Exército, em substituição a Machado Lopes; mas permanecera no Rio, com rápidas incursões a Santa Catarina, pois não havia condições para que assumisse efetivamente suas funções em Porto Alegre. Sob suas ordens foi constituída a Divisão Cruzeiro, que deveria marchar sobre o Rio Grande e restabelecer a autoridade de Brasília na área do III Exército, hoje Comando Militar do Sul. O potente Grupamento de Unidades Escola - GUEs, dotado de moderno armamento do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, integrava a Divisão. De prontidão em sua sede, na Vila Militar, sob a tensão decorrente da crise, acrescida por mudança súbita de seu general-comandante, o Grupamento, ansioso, aguardava ordens.

E-4 do GUEs, eu fora ao Quartel-General da Praça da República tratar de assuntos logísticos da operação. Canhões sem recuo foram liberados dos depósitos do cais do porto, sem a assinatura dos competentes e intimidadores papéis. Os pedidos de pneus, baterias, munição, gasolina, enfim, de toda a espécie de suprimentos, antes duramente obtidos em quantidades irrisórias, eram agora rapida-

mente despachados e providências tomadas para que, também rapidamente, fossem fornecidos. Estava-se à beira de uma guerra, acreditávamos.

Missão complementar à dos suprimentos era a de passar por uma sala do Quartel-General, onde se instalara o General José Teophilo de Arruda, Comandante da Divisão Cruzeiro, e dele receber missão. Dela já conhecíamos as linhas gerais: deslocar-se para São Paulo, capital, e dali para a divisa entre o estado paulistano e o Paraná. Arruda, que eu conhecia do tempo em que comandara o GUEs, recebeu-me à sua maneira, o olho direito semicerrado e o esquerdo puxado para cima, o que era a sua expressão corporal da reduzida importância que dava ao assunto e da pouca consideração que lhe merecia o interlocutor: *O senhor espere aí. O General Cordeiro chega às três horas e vai falar-lhe.*

As três horas passaram, passaram as quatro e nada do General Cordeiro. Eu tinha muito que fazer no GUEs, e por duas vezes perguntei a Arruda quando chegaria o general. *O senhor espere* foi a resposta carrancuda do Comandante da Divisão.

Afinal, entrou na sala um general de óculos, testa ampla e fugidia, os cabelos já rareando e fisionomia aberta. Cumprimentou todos amavelmente, e ninguém precisou dizer-me quem era ele. Cordeiro viu-me em uniforme de campanha, todo equipado, e foi logo me perguntando o que fazia ali. Respondi que ali estava para receber ordens dele. Com impertinência explicável pelo excesso de zelo de quem desempenhava as *altas funções de E-4 do GUEs*, acrescentei estar esperando há mais de duas horas e ter pressa em voltar à minha unidade. Cordeiro fingiu não perce-

ber a impertinência do Major, colocou a mão em meu ombro e levou-me para diante de uma carta. Sem olhar para ela, deu a missão, que não era outra senão a bem sabida. Fez-me algumas perguntas menores sobre o GUEs, e eu pedi-lhe licença para retirar-me.

Saí dali consciente da imprudência cometida e com sentimentos divididos sobre o General Cordeiro de Farias. Eu deixara no GUEs um general com perfil do chefe em que se confia, o General Sousa Aguiar, que substituíra outro igualmente possuidor daquele perfil, o General Ladário Pereira Telles, este infelizmente alinhado com o *lado de lá*. Assim é que, se por um lado admirei a habilidade de Cordeiro no tratar um major impertinente, por outro me pus seriamente desconfiado sobre a competência daquele sorridente general para conduzir o que me parecia ser uma guerra. Naquela época eu só por alto sabia dos feitos de guerra do General, mas já ouvira falar de suas andanças políticas. O balanço, no meu espírito, não lhe era favorável.

O GUEs deslocou-se para São Paulo, onde travou a sua batalha de Itararé, a que não houve.¹ Voltamos para o Rio decepcionados com a solução parlamentarista. Dei-me conta de que, ao enunciar a missão do Grupamento, Cordeiro já sabia que

mal chegaríamos à divisa São Paulo-Paraná. Velho revolucionário, General da FEB, político provado e ator de destaque em muitas crises institucionais brasileiras, Cordeiro tinha consciência de ser aquela mais uma delas, grave, mas de solução política, sem o temido derramamento de sangue. A guerra civil era por todos os motivos indesejável, e poucas possibilidades tínhamos de vencê-la. Nosso deslocamento e o das outras grandes unidades em direção ao sul faziam parte de uma gesticulação visando, tão-somente, a dar ao governo uma posição de negociação da emenda parlamentarista, velozmente aprovada pelo Congresso. Muitos, na época, não entenderam isso e, mesmo passados anos, continuaram culpando Cordeiro pela posse de Jango.²

ORIGENS DE CORDEIRO DE FARIAS

Cordialidade no trato, espírito de conciliação, capacidade de convencer são características assinaladas pelos que privaram com Cordeiro de Farias. Quando entrava em um ambiente, sala, salão ou roda de conversa, era para ele que se voltavam as atenções. Simpático, bem articulado, mestre na arte de conversar, reunia requisitos valiosos para o exercício da liderança. Orgulhava-se de saber dominar emo-

¹ Itararé: Cidade paulista situada perto da divisa São Paulo-Paraná. Durante a Revolução de 1930, para ela convergiriam forças governamentais, para defender o Estado das tropas gaúchas que vinham do Rio Grande em marcha batida. O comandante dessas forças, envergando vistosa capa espanhola, declarou: *Dessa viajada ou se volta com honra, ou não se volta*. Os jornais abriam manchetes sobre a iminente batalha de Itararé. A batalha ficou como imagem de alguma coisa muito esperada e que não aconteceu. O humorista Aparício Torrely, diretor do impagável jornal *A Manha*, passou a intitular-se *Barão de Itararé*. Que a História se repete, sabemos todos.

² O Presidente General Ernesto Geisel, então Comandante Militar do Planalto, critica Cordeiro por ter ficado *remanechendo*, em lugar de assumir o comando do III Exército em Curitiba, já que não podia fazê-lo em Porto Alegre. Mas reconhece que *não havia muita coesão da nossa parte, nem uma ação forte para impedir a posse de Jango*. Ernesto Geisel - Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio, 1997.

ções, quando todos em torno se exasperavam. Desse atributo, por ele provado no combate e em muitas crises, muito se orgulhava. Sabia, também, ocultar idéias. No seu *Diálogo*,³ dá repetidas provas dessa capacidade, invejável no exercício de muitas atividades e não apenas da política. Sob esse aspecto, o gaúcho de Jaguarão tinha um traço de missioneiro,⁴ que há-de ter refinado no trato repetido com Getúlio, o conterrâneo de São Borja, de quem se fez amigo.

A família de Cordeiro era de classe média, e seu pai, Joaquim Barbosa Cordeiro de Farias, mantinha relações com personalidades de destaque. Fora ajudante-de-ordens do Marechal Floriano Peixoto e desfrutara da amizade do Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra e depois Presidente da República, e do todopoderoso Senador gaúcho Pinheiro Machado.⁵ Sua esposa, nascida Corina Padilha, pertencia a família influente do Estado do Rio, de onde era Nilo Peçanha Presidente da República (1909-10) e mais tarde candidato a Presidente em oposição a Artur Bernardes (1922-26).

Muito bem posicionado na sociedade da década de 20 e distinguindo-se como aluno do Colégio Militar e da Escola Militar, o simpático Tenente Cordeiro de Farias tinha boas perspectivas de carreira no Exército. Deixou-as de lado, decidiu-

se pela vida de risco de conspirador e revolucionário. Como os colegas tenentes, acreditava que o Brasil precisava ser salvo de governos que o infelicitavam. Para isso haveria que recorrer à violência armada, e cabia-lhes utilizá-la.

Uma fotografia da família Cordeiro de Farias tirada por ocasião das bodas de prata de seu chefe, o Coronel Joaquim Barbosa Cordeiro de Farias, mostra que, dentre as sete figuras masculinas, quatro vestem uniforme, e dentre estas está Oswaldo, com a sua vistosa farda de aluno do Colégio Militar. *Fui militar por vocação, diria o General, e não para buscar segurança econômica, como foi o caso de Juarez e de João Alberto, que abandonaram um curso de engenharia para entrar para o Exército, acrescenta.*

O uniforme, Cordeiro de Farias só viria a despir em 1965, quando, general-de-exército, passou para a reserva. *Tudo o que fui e o que sou devo ao Exército*, disse aquele que, aos 42 anos, foi o seu general mais jovem, no período republicano, e como general permaneceu 23 anos. General também foi seu irmão mais velho, Gustavo, morto ainda moço, que dá o nome ao Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, gráfica do nosso Exército.

Fausto, no diálogo com Wagner, recusa o conselho para enfrentar aflições, partido de quem somente uma tem e não

³ CAMARGO, Aspásia e GÓES, Walder de - *Meio Século de Combate: Diálogo com Cordeiro de Farias* - Prefácio de Carlos Castello Branco - Introdução de Aspásia Camargo; *Programa de História Oral do CPDOC* - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, da Fundação Getúlio Vargas - Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1981.

⁴ Missioneiro: Oriundo da região de missões do Rio Grande, onde se situa São Borja, terra de Getúlio. Diz-se do político, introvertido, de pouca fala, dissimulado, contrastando com o estereótipo do gaúcho da campanha, aberto, falador, inclinado aos gestos largos.

⁵ José Gomes Pinheiro Machado, político gaúcho, bravo combatente da Guerra do Paraguai e da Revolução Federalista de 1893, General Honorário do Exército. Apoiou a candidatura do Marechal Hermes, e sua força política e fama foram grandes e duradouras, até a morte, apunhalado, no Rio. Gozar das relações de Pinheiro Machado era prova de prestígio.

procura outras desvendar, e lamenta: *Ai, duas almas em meu peito habitam*. No peito de Cordeiro conviviam duas almas, a do soldado, que ele preferia e exaltava, e a do político, volta e meia a chamá-lo para algum cometimento, e da qual não conseguia apartar-se. Era um convívio conflitivo, sofrido e entrevisto na afirmação, constante, de ser acima de tudo soldado. Subjacente nela está a idéia de que as duas condições são antagônicas, que convivem mal quando reunidas na mesma pessoa – o que quase sempre será verdadeiro... Verdadeira, sem dúvida, é a suspicácia com que colegas e subordinados vêem as constantes e bem-sucedidas incursões do militar pela atividade política. Em casos extremos, a suspicácia chega à rejeição. Decorrem daí as reiteradas profissões de fé militar desses *anfíbios*, na tentativa de compensar o grau de insegurança que os aflige, por se saberem portadores de atributos, os quais, secretamente, admitem conviverem mal.

Reiteradas profissões de fé faz o General ao longo da vida. Queixa-se dos camaradas que não o tinham como um deles: *Muitos militares consideravam-me um animal excessivamente político e tinham em relação a mim, por assim dizer, uma atitude esquiva*. A atitude era mais que esquiva, ia até a hostilidade, como foi o caso do General Costa e Silva. A propósito da sua passagem para a reserva, como Marechal, em carta dirigida a Costa e Silva, na época Ministro da Guerra do Presidente Castello Branco, Cordeiro escreve: *Nas nossas contendas cívicas, na guerra e por vezes em funções civis, procurei ser*

sempre autenticamente militar... Em depoimentos dos quais resultou o livro de Aspásia Camargo e Walder de Góes, as afirmações nesse sentido se repetem. Mas não tinham eco no meio militar, como ele mesmo reconhecia. A angústia faustiana de Cordeiro o acompanharia até o fim da carreira militar, prolongando-se para além dela.

A REPÚBLICA VELHA

A vida de Cordeiro de Farias nos leva a uma época distante, ao Brasil em que ele exercitou faculdades e fez coisas impensáveis para um oficial dos nossos dias. Relembrar esse Brasil, ainda que superficialmente, é essencial para um começo de entendimento da rica e agitada existência do General.

Quando os jovens oficiais das turmas do fim da década de 10 e início da de 20, da Escola Militar do Realengo, atingiram o posto de tenente, a República estava nos seus 30 anos e no seu 11^o Presidente, o paraibano Epitácio Pessoa (1919-22). Já na sua pouca idade, o regime mostrava mazelas dolorosas, herdadas do Império, é certo, mas consideravelmente acrescidas, ao invés de extirpadas, como queriam os republicanos. Estava longe de ser a *República dos nossos sonhos*, segundo expressão irônica.

Com o Presidente Campos Salles⁶ iniciara-se a *política do café com leite*, a alternância de presidentes mineiros e paulistas. Coexistiu com ela a *política dos governadores*, o conluio dos presidentes dos estados (como então se chamavam os

⁶ Campos Salles, Manuel Ferraz de – 15 de novembro de 1898 a 15 de novembro de 1902 – paulista, 4^o presidente do Brasil.

hoje governadores) com o Presidente da República, para que este apoiasse os candidatos oficiais à sucessão estadual, em troca de apoio para eleger o Presidente no plano nacional. As eleições eram escandalosamente fraudadas, e o voto de defuntos não era a maior dessas fraudes.⁷ Some-se a isso a *eleição a bico-de-pena*, como se chamava a falsificação das atas, e o instituto do *reconhecimento*, a prática da *degola*, segundo a qual um candidato eleito podia ser *legalmente* espoliado, pois a validade da sua eleição era sumariamente decidida por um colegiado escolhido a dedo pela situação. Uma engenhosa panóplia de expedientes assegurava a permanência das oligarquias, dos *coronéis*, chefes políticos do interior que tomavam emprestado o posto da Guarda Nacional. Extensiva, intocável estava a corrupção, coroando os vícios da *velha república*, a *república dos carcomidos*, como diziam os revolucionários de 1930. Dentre os brasileiros ativamente inconformados com essas práticas democráticas estavam muitos oficiais do Exército, especialmente os jovens, os tenentes.

Quem foi aspirante da Escola Militar do Realengo, com suas edificações modestas e pobre de meios materiais para o ensino, lembra-se do deslumbramento experimentado ao visitar pela primeira vez, em Resende, a Academia Militar das Agu-

lhas Negras, com a imponente face de *campus* de universidade americana. Para o General Cordeiro e os de sua geração, o contraste terá sido bem maior, pois o Realengo onde se formaram ainda não havia sofrido as grandes transformações conduzidas pela chamada *Missão Indígena*,⁸ em 1919, e pelo extraordinário reformador, General José Pessoa, seu Comandante entre 1931 e 1934. O Realengo de antes da *Missão* foi duramente definido por um seu ex-aluno e ex-Comandante da AMAN General Punaro Bley como *um ajuntamento de jovens entregues aos seus próprios instintos, sem qualquer orientação educacional, disciplinar, moral, e mesmo militar.*⁹

A turma de Cordeiro recebeu a estrela de Aspirante de Artilharia na Escola Militar do Realengo em dezembro de 1919 e, com ele, o Aspirante de Engenharia Juarez Távora. João Alberto é da turma de 1922.

A *Missão Indígena* assumira as funções de instrutor em janeiro. Cordeiro não se detém no impacto sofrido por sua *alma mater* com a chegada da *Missão*, que foi muito grande, preferindo assinalar ter sido a sua turma *a primeira que teve formação verdadeiramente militar*, deixando os cadetes de ser apenas *peritos em cálculo integral, física e descritiva, sem nenhuma instrução militar sistemática.*

⁷ A literatura de ficção do início do século XX ilustra essas práticas. Valentim, pai de um jovem que vai tentar a vida no Rio, pede ao coronel local uma carta de recomendação a um certo Deputado Castro. Ele responde: *Você tem direito, seu Valentim... É... você trabalhou pelo Castro... aqui para nós, se ele está eleito, deve-o a mim e aos defuntos e a você, que desenterrou alguns.* Lima Barreto, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), Editora Ática, São Paulo, 1984.

⁸ *Missão Indígena*: Cognome dado a grupo de oficiais, alguns deles com estágio no prestigioso Exército da Alemanha Imperial, que, a partir do início de 1919, foram nomeados instrutores da Escola Militar do Realengo, após seleção em concurso. *Instrutores e educadores*, dizia o ato de nomeação, indicando as carências observadas nos cadetes.

⁹ CASTRO, Celso - *O Espírito Militar - Um Estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras* - Jorge Zahar Editores - Rio de Janeiro, 1990.

Em 10 de outubro de 1913, os *jovens turcos* publicaram o primeiro número de *A Defesa Nacional*, revista fundada como cooperativa e inspirada na *Militär Wochenblatt*. O impulso reformador e os artigos publicados em *A Defesa Nacional* deram grande prestígio aos membros da *Missão Indígena*,¹⁰ trazendo-lhe como contrapartida algumas compreensíveis atribuições. Logo após o término da Primeira Guerra Mundial, em 1918, chegara ao Brasil a Missão Militar Francesa que, de início, não chegou até a Escola Militar, mas revolucionou a instrução dos oficiais de Estado-Maior e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

No relativo ao reequipamento, o Exército, ao chegar à década de 20, elaborou diversos planos de modernização, particularmente sob a direção do Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra e depois Presidente da República.

Mil novecentos e dezenove foi o ano da posse do Presidente Epitácio Pessoa¹¹ e dos dois civis que trouxe para as pastas militares, Raul Soares, para a Marinha, e Pandiá Calógeras, para a pasta da Guerra. O engenheiro e escritor Calógeras reunia poderoso intelecto, ampla cultura e capacidade de realização. Os artigos e livros do engenheiro testemunham raro conhecimento de questões conceituais e estruturais das duas Forças Armadas.¹² Conhecimento que foi aperfeiçoado ao longo de relações com o General Maurice Gamelin, o primeiro che-

fe da Missão Militar Francesa contratada pelo Brasil. Calógeras realizou obra que o situa dentre os mais competentes ministros que teve o Exército.

O Tenente Cordeiro de Farias, do grupo de artilharia de São Cristóvão, gozou do privilégio de conviver com o Ministro, nos passeios a cavalo que faziam pela Quinta da Boa Vista. No seu *Diálogo*, o General refere-se a esse convívio e fala da *validade e da extrema riqueza da idéia de nomear civis os ministros militares, transferindo-se os assuntos militares propriamente ditos para o Estado-Maior*.

As realizações a favor do aumento de oportunidades para o exercício da profissão, grandes que foram, não bastaram para polarizar a atenção e absorver a energia de parte ponderável e brilhante da *oficialidade jovem*, expressão que vamos reencontrar em praticamente todos os movimentos político-militares desde a Proclamação da República até a Revolução de 1964. A *oficialidade jovem*, na década de 1920, em associação com políticos, colocou-se à testa das insurreições armadas de 1922, 1924, 1925 e desempenhou papel decisivo na Revolução de 1930.

O período de 1922 a 1930, ano da Revolução liderada por Getúlio Vargas, foi ao mesmo tempo de ebulição política e de transformações no Exército. Jeovah Motta¹³ assinala, nesse período, a divisão da oficialidade entre duas tendências. De um lado, os

¹⁰ Os oficiais que haviam estagiado na Alemanha regressaram ao Brasil animados de fortes idéias reformistas e dispostos a colocá-las em prática. Foram por isso chamados os *jovens turcos*, por analogia com reformistas do Império Otomano, de 1895. Eles fundariam *A Defesa Nacional*, em 1913, e em 1917 constituiriam o núcleo da *Missão Indígena*.

¹¹ PESSOA, Epitácio da Silva, Presidente, 28 de setembro de 1919 a 15 de novembro de 1922.

¹² CALÓGERAS, J. Pandiá: Ver a extensa lista de obras constante de *Formação Histórica do Brasil*, Bibliex, 1957, dentre elas: *Problemas de Governo*, São Paulo, 1936, e *Problemas de Administração*, São Paulo, 1938.

¹³ MOTTA, Jeovah - *Formação do Oficial do Exército* - Bibliex - Rio de Janeiro, 1998 - p. 223, 224.

que se concentravam na atividade profissional e preconizavam para o Exército a postura de *grande mudo, la grande muette*, como o Exército francês. De outro, *os cruzados das reformas*, engajados politicamente e, *ipso facto*, revolucionários. Os tenentes formavam dentre estes, e os oficiais mais antigos, dentre os profissionais. Não seria a primeira nem a última vez que oficiais idealistas e corajosos se proporiam a salvar o Brasil, em lugar de procurarem melhorar a sua força. Até porque acreditavam que uma coisa não podia ser feita sem a outra, e a salvação do Brasil vinha em primeiro lugar.

A linha de clivagem entre essas duas tendências estava longe de ser nítida ou fixa. O Coronel J.F. Maya Pedrosa, em obra antológica de história recente do Exército,¹⁴ aponta a contradição dos *jovens turcos* de *A Defesa Nacional*, ao defenderem apaixonadamente a profissionalização e, ao mesmo tempo, pregarem a intervenção militar para salvar o país da anarquia. Já o editorial do primeiro número da revista, de 10 de outubro de 1913, preconiza que o Exército vá além de seus deveres profissionais para tornar-se em dados momentos fator decisivo de transformação política ou de estabilização social. Assim confluíam em *A Defesa Nacional* a tese do profissionalismo pregado pelos *jovens turcos* e sua antítese, que foram as revoltas tenentistas.

LEVANTES DA DÉCADA DE 1920

Em 5 de julho de 1922, ocorreram no Rio o levante da Escola Militar e o épico

episódio dos 18 do Forte de Copacabana. Fracassado o levante, o Comandante da Escola foi substituído e a maior parte dos alunos, desligada. A *Missão Indígena* desapareceu. Diz-se ter ela, com seu rigor prussiano, contribuído para a revolta dos cadetes.¹⁵ Por outro lado, ela foi vítima da desastrosa incursão dos cadetes na política.

O Tenente de Artilharia Oswaldo Cordeiro de Farias fizera o curso de Observador Aéreo e servia na Escola de Aviação Militar, do Exército, no Campo dos Afonsos. Comprometido com a revolta, esteve preso seis meses, primeiro na Fortaleza de São João, na Urca, e depois na de Santa Cruz, do outro lado da Guanabara, juntamente com dezenas de camaradas. Assim, aos 21 anos, fazia o curso básico de conspirador e revolucionário; o de aperfeiçoamento, faria no Rio Grande do Sul, transferido de uma guarnição para outra: Santa Maria, Porto Alegre, Rio Pardo, São Gabriel.

Em 1924, estoura em São Paulo o *segundo 5 julho*, e revoltas eclodem nas guarnições de São Borja, São Leopoldo, Cachoeira do Sul e São Luiz Gonzaga, onde Cordeiro se reuniu com os camaradas João Alberto e Siqueira Campos e com o Capitão Luís Carlos Prestes. Decidiram manter a barba crescida *para que, disfarçada a nossa juventude, pudéssemos inspirar à tropa mais respeito*. O Tenente João Alberto Lins e Barros, Comandante do 1º Destacamento da Coluna, descreve Cordeiro: *Era simpático, de trato afável, moreno, estatura mediana, com os cabe-*

¹⁴ MAYA PEDROSA, J.F. - *A Grande Barreira - Os Militares e a Esquerda Radical no Brasil (1930-68)* - Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1968.

¹⁵ MOTTA, Jeovah, obra citada, p. 264.

los já escassos, apesar de moço. O caçula dos chefes. Na travessia do Rio Pardo, próximo a Porto Feliz, o Tenente Portela morre em combate e Cordeiro o substitui no Comando do 4º Destacamento. E marcha com uma coluna que se vai unir aos revoltosos de São Paulo, comandados pelo General Miguel Costa, constituindo a Divisão Revolucionária.

O livro de João Alberto, *A Marcha da Coluna*,¹⁶ dá uma idéia do extraordinário feito representado pelo exercício do comando de destacamento de uma tropa heterogênea, que percorreu 20.000km do território brasileiro, durante quatro anos e meio, terminando por exilar-se na Bolívia, em ordem, em 1927. No dizer do escritor austríaco Paul Frischauer, autor de uma biografia de Getúlio, *a Coluna Miguel Costa-Prestes demonstra a superioridade das aventuras reais sobre as aventuras de ficção.*

A marcha pelo interior brasileiro, do Rio Grande do Sul ao Ceará, deu uma visão da pobreza e dos gigantescos problemas do interior brasileiro, solidificando os ideais revolucionários dos integrantes da Coluna. Metabolizada pelas leituras feitas no exílio, essa visão fez do Capitão Luís Carlos Prestes o líder do Partido Comunista Brasileiro. Cordeiro e os outros tenentes não se interessaram pela literatura posta nas mãos de Prestes pelos comunistas brasileiros e argentinos. Pelo contrário, fizeram-se combatentes contra o comunismo nas suas tentativas de implantar-se no Brasil, desde a Intentona de 1935 até a Revolução de 1964.

O Presidente Castello Branco haveria de lembrar-se da experiência do tenen-

te de 1925, ao confiar ao General-de-Exército de 1965 a organização do MECOR - o Ministério Extraordinário para a Coordenação de Organismos Regionais (depois Ministério do Interior, hoje Ministério da Integração Nacional), nomeando-o para organizá-lo e ser seu primeiro titular.

INTERVENTOR

Vitoriosa a Revolução de 30, os tenentes se transformaram em heróis nacionais e, em menos de um ano, grande número deles havia sido nomeado interventor nos estados. O espírito popular comentou bem-humoradamente as nomeações. Na letra de uma marchinha de Carnaval, composta em exaltação da mulata, o compositor comemorava: *Fui nomeado seu tenente interventor!*

Em Minas Gerais, o governador participara da Revolução, e assim o estado formou dentre os que não tiveram seu tenente interventor. Cordeiro teria de esperar a sua oportunidade, embora intensa tivesse sido sua participação política no levante em Belo Horizonte. Voltou ao Exército, foi promovido sucessivamente a Capitão e a Major, e nomeado Comandante de um grupo de artilharia em São Paulo, de onde o tirou Getúlio para fazê-lo Chefe de Polícia desse estado.

Em julho de 1932, o Major Cordeiro serve no Gabinete do Ministro do Exército. Eclode a Revolução Constitucionalista de São Paulo, e o Ministro lhe dá ordem de seguir para o Paraná e assumir a chefia do Estado-Maior da Região, cujo Comandante não merecia confiança. *Não posso,*

¹⁶ BARROS, João Alberto Lins e, *A Marcha da Coluna* - Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1977.

não tenho nenhum curso de aperfeiçoamento, respondeu, mostrando o quanto vale o diploma, também, no Exército. E vale, também, o jeitinho. Seguiu como Delegado do Ministro, e quem não podia ser Chefe de Estado-Maior requisitou um batalhão de infantaria, um regimento de cavalaria e um grupo de artilharia e formou um destacamento. No comando deste, atacou e tomou Itararé e Buri. Fez alarde da vitória, levando os revoltosos a desertar para o lado do governo. É promovido a tenente-coronel e faz os cursos que lhe faltam, da EsAO e da Escola de Estado-Maior do Exército, onde pontificavam os instrutores da Missão Militar Francesa. Desta última sai classificado em primeiro lugar e com Menção Honrosa. Além da Menção, que avaliações teriam feito os oficiais franceses sobre o jovem diplomado?

Ainda aluno da Escola de Estado-Maior, Cordeiro participa do combate contra os revoltosos do 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, por ocasião da Intentona Comunista de 1935.

Sete anos depois de haver articulado a Revolução de 30 em Belo Horizonte, chegou para o Tenente-Coronel Cordeiro a oportunidade de pôr à prova seus talentos de político e de administrador. Em agosto de 1937, o General Daltro Filho é nomeado Comandante da 3ª Região Militar, no Rio Grande do Sul, e o leva como Chefe de Estado-Maior, dando-lhe poderes para escolher seus oficiais. Em outubro, o Presidente Getúlio Vargas requisita a Brigada Militar, o Governador Flores da Cunha renuncia e exila-se no Uruguai. O General Daltro é nomeado Interventor no estado, cumulativamente com o Coman-

do da região, que passou a ser exercido de fato pelo seu Chefe de Estado-Maior.

Em 10 de novembro, ocorre o golpe de 1937. Getúlio fecha o Congresso, outorga Constituição e institui o Estado Novo. O Presidente da Câmara de Deputados, Pedro Aleixo, o mesmo que, como Vice-Presidente, em 1967, discordaria do AI-5, foi um dos raros a protestar. Mas Getúlio tinha enorme apoio político e popular, e o Estado Novo foi aceito pela virtual unanimidade dos brasileiros. Em dezembro de 1937, Cordeiro é promovido a Coronel. A doença de Daltro Filho se agrava, e seu Chefe de Estado-Maior passa a desempenhar, também, tarefas da Interventoria. Em janeiro de 1938, morre o General Daltro Filho.

Getúlio já tinha, *debaixo do poncho*, substituto para o Interventor, e firmar a escolha o não demandou mais que uma entrevista, realizada enquanto ainda vivo o General Daltro. Durante ela, o político missioneiro, com um currículo de deputado estadual, deputado federal, Ministro das Finanças, líder da bancada rio-grandense na Câmara e governador do estado, pediu ao seu coronel-em-chefe de Estado-Maior da Região que lhe falasse sobre a situação política do Rio Grande. Questão única da prova oral de um vestibular, era claro.

Para apaziguar o bairrismo rio-grandense, Getúlio, pouco tempo antes, fizera um discurso lembrando que, se um gaúcho podia governar o Brasil, por que um baiano, no caso, o General Daltro, não poderia governar o Rio Grande? Cordeiro conhecia o discurso, mas, ao traçar o perfil do futuro interventor, opinou que ele deveria ser rio-grandense. No decorrer da conversa, Getúlio ficou agradavelmente surpreendido ao sabê-lo de Jaguarão,

cidade da fronteira com o Uruguai. Mas era gaúcho por obra do acaso, acrescento. Nasceu naquela cidade, em 1901, quando o pai, pernambucano, fora subcomandante de um batalhão.

Com a nomeação de Cordeiro de Farias, em março de 1938, o ditador, competente avaliador de talentos, entregava ao Coronel de 37 anos o governo do estado natal de ambos, um estado altamente politizado, de gente brava e irrequieta. Ali o promoveu a General-de-Brigada, conservando-o por mais quatro anos na Interventoria até setembro de 1943. Cordeiro deixou o cargo porque quis, conta.

Governar na época do Estado Novo, como Interventor, era tarefa bem mais simples que a enfrentada pelos governadores em regime democrático, sujeitos a pressões de todos os lados, a imprensa a vigiá-los de olhos bem abertos. Cordeiro saiu-se bem como interventor, assim como deu bom desempenho ao cargo de governador de Pernambuco, para o qual viria a ser eleito anos mais tarde.

A cordialidade de temperamento e a habilidade política permitiram ao General fazer uso moderado do vasto arsenal coercitivo com que a ditadura de Getúlio armava os governantes. Cordeiro conta haver recebido uma espada de ouro dos sindicatos de trabalhadores gaúchos. Não se deu conta de ter sido um precursor do General Teixeira Lott, muito criticado por ter recebido presente semelhante quando Ministro da Guerra do Presidente Juscelino Kubitschek e candidato oficial para sucedê-lo.

O Interventor Cordeiro de Farias realizou muito no estado. O seu Chefe de Polícia documentou em livro¹⁷ a vigorosa campanha contra as atividades dos nazistas entre os colonos de origem alemã no Rio Grande do Sul. Cordeiro defende Getúlio das acusações de germanófilo, ao dizer não ter ele se oposto à sua atuação contra o nazismo no estado. O mesmo não faz em relação a outras autoridades.

FEB

Em janeiro de 1942, ainda Interventor, Cordeiro tornou-se o mais jovem general da História da República. Tinha 42 anos. Meses depois, em agosto, o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália. O General telegrafou a Getúlio pedindo exoneração da interventoria e volta ao Exército. Getúlio demorou um ano para atendê-lo. Insistiu no pedido de ir para a guerra e, pouco depois, Getúlio, durante uma conversa, fez-lhe o convite formal para integrar a FEB.

O longo afastamento do Exército durante a interventoria não seria esquecido por colegas seus de FEB. Um deles registra a *inegável afinidade que o General Comandante da FEB nutria pelo General Cordeiro*, para em outras passagens criticá-lo. Tocando num nervo sensível do General, diz que *ele era afastado das decisões no campo de batalha como medida de prudência... pois estivera sete anos longe das lides militares, como interventor no Rio Grande do Sul*.¹⁸ Dois anos e meio eram

¹⁷ PY, Aurélio da Silva, Coronel - *A 5ª Coluna no Brasil - A Conspiração Nazi no Rio Grande do Sul* - Livraria do Globo, Porto Alegre, 1943.

¹⁸ BRAYNER, Floriano de Lima, Marechal - *A Verdade sobre a FEB - Memórias de um Chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália - 1945*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.

assim acrescidos ao tempo fora do Exército do Comandante da AD/ 1ª DIE – a Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Note-se ter sido por iniciativa do Presidente Castello Branco que foi aprovada legislação eliminando a possibilidade de militares fazerem carreira fora de sua Força Armada, o que antes ocorria com indesejável frequência.

Cordeiro lamentou não ter sido ouvido sobre sua experiência de Comandante da AD da FEB. Passou-lhe despercebido que, ainda na Itália, ou no Brasil, como Chefe do EMFA, teve oportunidades para promover a tomada de depoimentos sobre a FEB.

Na Fundação Getúlio Vargas, falou extensa e livremente sobre o que fez e o que viu fazer, não apenas na sua AD como na FEB. Apresenta a sua verdade, não se eximindo de abordar as relações conflituosas entre personalidades do governo de Getúlio Vargas e da Força Expedicionária, entre oficiais do Estado-Maior da própria força e entre esta e os comandos americanos. Algo, aliás, que já haviam feito outros autores.

O Programa de História Oral do Exército, implantado em 2000, colhe depoimentos de participantes da FEB e da Revolução de 64, no Rio e em outras capitais.¹⁹ O resultados, após processamento, serão colocados ao alcance do público.

A SORBONNE

Sorbonne era como chamavam a ESG – a Escola Superior de Guerra, com boa dose

de malícia e, não raro, de pouco caso. Este era o tom dos articuladores da candidatura a Presidente do General Costa e Silva.

O processo de designação do criador e primeiro Comandante da ESG, General Cordeiro de Farias, foi *sui generis*. Contou-o a Cordeiro o Chefe do EMFA, General César Obino, o voto secreto de todos os colegas daquele Estado-Maior. Nesse colégio eleitoral destacavam-se os amigos coronéis Golbery do Couto e Silva, Juarez Távora, Bizarria Mamede e os irmãos Orlando e Ernesto Geisel. Cordeiro criticamente comenta: *Deve ter sido uma manobra política para indicar o meu nome.*²⁰ Manobra originada dentro do *colégio eleitoral*, ou vinda de fora dele?

Ao ser criada, em 1949, inspirada no *National War College* e no *Industrial War College*, a ESG destinava-se a ministrar um curso de alto comando para oficiais das três forças armadas. Três assessores, um oficial do Exército, outro da Marinha e outro da Força Aérea dos Estados Unidos, tentaram convencer, em vão, o General Cordeiro de Farias para que seguisse o modelo americano. Cordeiro resistiu a essas pressões e organizou uma escola que abrigaria civis e militares, voltada para o estudo dos grandes problemas do país. Ao fazê-lo, deflagraria o processo de elaboração da muito falada doutrina de segurança nacional. A doutrina da ESG é criticada por muitos, a começar pelos que não a conhecem. O fato, facilmente constatável, é que ela nasceu sob o signo da evolução,

¹⁹ O Programa de História Oral do Exército, estruturado e conduzido pelo General-de-Brigada Aricildes de Moraes Motta, originou-se de uma coleta de depoimentos de chefes militares, conduzida no Clube Militar na década de 90, e de um anteprojeto de História Oral encaminhado pelo diretor da Biblioteca do Exército aos escalões superiores em 1998.

²⁰ *Diálogo*, p. 40.

acompanhando as transformações operadas, especialmente aquelas mais profundas, ocorridas nas décadas de 1980 e 1990.

Grandes que são os serviços prestados pela ESG, a orientação que lhe imprimiram Cordeiro e seus sucessores impediu que ela se constituísse no fórum natural de debates para a formulação de políticas e estratégias de defesa. Isso facilitaria o trabalho do Ministério da Defesa, que mais dia menos dia haveria de ser criado. Mas o quadro militar e a prioridade reiterada da manutenção da unidade das Forças Armadas falaram mais alto.

GRANDE COMANDO & GOVERNO DE PERNAMBUCO

Getúlio Vargas voltou à Presidência em janeiro de 1951 e, nesse ano, Cordeiro perdeu as eleições no Clube Militar para a chapa nacionalista encabeçada pelo Ministro da Guerra, General Estilac Leal. Em 1952, promovido a General-de-Exército, deixou o Comando da ESG e foi nomeado para um grande comando, a ZMN-Zona Militar Norte. Mas o apelo da política foi irresistível, lançou-se em campanha, foi eleito e, em janeiro de 1955, era Governador de Pernambuco. Cordeiro explica a recaída política como ditada pelo propósito de constituir em Pernambuco um bastião para se opor aos planos continuístas de Getúlio. Mas Getúlio suicidou-se em 24 de agosto de 1954, e esse objetivo desapareceu. O General governou Pernambuco durante quatro anos. Em outubro de 1958, renunciou. O Ministro da Guerra era o Marechal Teixeira Lott, per-

sonalidade antítese da de Cordeiro, embora como ele viesse a sucumbir ao apelo da política. Candidatando-se para suceder o Presidente Juscelino, foi fragorosamente derrotado por Jânio Quadros.

Juscelino, de quem Cordeiro se fizera amigo quando Governador, nomeia-o Presidente da Comissão Militar Brasil-Estados Unidos. O General resume em duas linhas o gosto pela função: *Era uma comissão interessante para mim e para Lott, porque eu não ficaria subordinado ao Ministério da Guerra. A Comissão dependia da Presidência da República.*

INTERMEZZO JANISTA

Em fevereiro de 1961, o General Cordeiro deixa a Comissão para assumir a chefia do EMFA, nomeado pelo Presidente Jânio Quadros.

Segundo o General Cordeiro, Chefe do EMFA, a idéia da criação do Ministério da Defesa surge no seu espírito e no do Presidente Jânio Quadros (janeiro/agosto 1961) dentro do espectro muito amplo e ambicioso de radical reformulação das Forças Armadas. Preconizando transformações profundas nas estruturas militares, tais como a eliminação dos ministros de cada uma das Forças, Cordeiro, realista, reconhece que *elas só podem ser feitas no quadro de uma ordem civil.*²¹ Note-se que ele fala em 1981, durante um governo de presidente militar, quando conceber reformas tão radicais representava pensar o impensável.

Teria Jânio visto em Cordeiro seu candidato preferido para a pasta da Guerra? Ele acha que sim, mas acredita que sua nomeação teria esbarrado no trabalho da oficialidade interessada na permanência

²¹ *Diálogo*, p. 524.

do Marechal Odílio Denys; além do que, acrescenta, *não era querido por determinados grupos que se arvoravam em donos do Ministério*, explica. A verdade talvez fosse que, mesmo um político audacioso como Jânio preferira a segurança inspirada pelo velho soldado Marechal Odílio Denys às incertezas que lhe traria um híbrido militar-político à frente do ministério que, à época, era o mais importante de todos. Admitir essa hipótese seria doloroso para o general. *Apesar de minhas várias passagens por funções políticas civis, eu nasci "milico", sou mesmo militar*, proclama. Tornando ainda mais clara a mágoa com que recebia as restrições de camaradas de farda, complementa: *Se voltasse, não nos tempos de hoje, mas ao Exército antigo, se pudesse nascer de novo, eu seria "milico" de novo, porque tinha e tenho verdadeira paixão por isso.*²²

A chefia do EMFA durou menos de seis meses, pois Jânio renunciou em 25 de agosto de 1961. Fato mais notável da Chefia foi Cordeiro haver exercido, cumulativamente com ela, o Comando do III Exército, na crise da renúncia de Jânio, nas condições recordadas no início deste artigo.

ERRO DE AVALIAÇÃO

Com a emenda parlamentarista e a posse do Presidente João Goulart, a crise político-militar de agosto de 1961 dissolveu-se no ar. Mas suas seqüelas eram visíveis. Dissolveu-se no ar, também – este sem

deixar vestígios –, o comando do III Exército de Cordeiro. A população do Rio Grande do Sul e, ela, a tropa do Exército não apoiava a decisão dos ministros militares de não dar posse a João Goulart. Cordeiro havia feito algumas rápidas incursões de avião a Santa Catarina, mas, em Porto Alegre, controlada pelo Governador Brizola, ele sabia que não poderia descer.

Cordeiro ficou *remancheando*, em lugar de ir para Curitiba e lá assumir o Comando do III Exército, diz o Presidente Geisel, em entrevista de 1964, registrada em livro somente publicado após a sua morte.²³ Mas o irmão, General Orlando Geisel, Chefe de Gabinete do então Ministro da Guerra, não achava isso viável; nem ele nem outros generais, admite Ernesto Geisel, ao comentar: *Não sei o que havia na cabeça do Cordeiro, mas estranhávamos sua inércia*. Mais adiante, acrescenta contraditoriamente: *Ninguém queria ir combater os militares do Sul e dividir ainda mais o Exército.*²⁴ Aí está a explicação para a *inércia* do bravo soldado e fino político que era o General Cordeiro.

Conspirador em tempo integral, remunerado, eis a situação do General Cordeiro de Farias após a posse do Presidente Jango Goulart.²⁵

A decisão será no Rio, insistia o Coronel Jayme Portella de Mello, num paciente trabalho de convencimento junto a Cordeiro e a Costa e Silva, separadamente ambos fazendo planos de ir para São Paulo quando eclodisse a Revolução. Portella,²⁶

²² *Diálogo*, p. 519.

²³ Maria Celina d'Araújo e Celso Castro (orgs.) - *Ernesto Geisel* - Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

²⁴ *Ernesto Geisel*, ob. cit.

²⁵ *Diálogo*, ob. cit. p. 535.

²⁶ Portella DE MELO, Jayme - *A Revolução e o Governo Costa e Silva* - Guavira Editores Ltda. - Rio, 1979.

subestimado tolamente como oficial de curta inteligência, provou, à saciedade, férrea determinação e fino faro político. Navegou com rara habilidade entre aqueles dois generais, que não se estimavam, para dizer o menos: Cordeiro, o antigo companheiro de conspirações, e Costa e Silva, o chefe hierárquico que, pacientemente, foi trazendo para a Revolução. Este último, legalista, como Castello, juntou-se ao movimento minutos antes da undécima hora, e acabou ficando no Rio. Cordeiro mais tarde reconheceria, relutante: *Se erro houve, foi dos que saíram daqui e não fizeram a ocupação imediata do Rio de Janeiro, após o triunfo do movimento.*²⁷ Saiu por estar convencido de dever ir para a sua base em São Paulo, explica. Mas a explicação não valoriza o currículo de um político, conspírador e revolucionário do seu *rank*.

O erro de julgamento mostrar-se-ia fatal para Cordeiro. Ao voltar ao Rio, depara-se com Costa e Silva, solidamente sentado na cadeira do Ministro da Guerra, o condestável da Revolução vitoriosa. O título invocado foi o de ser o mais antigo. Observado que o mais antigo não era ele e, sim, Cordeiro, complementou: *O mais antigo em função.* De fato, tinha função burocrática, Chefe do Departamento de Pessoal do Exército, mas Cordeiro não tinha nenhuma, estava no limbo, comenta o General Geisel.²⁸ A razão do mais forte é sempre a melhor, ensina La Rochefoucault, e esse era o fato.

Suprema afronta, Costa e Silva, membro do Comando Supremo da Re-

volução, oferece a Cordeiro um lugar de embaixador no Oriente Médio. Oferecimento do qual declinou irritado não impediu que se repetisse, já então da parte do Ministro do Exterior, Vasco Leitão da Cunha. Era demasiado, e Cordeiro interpelou Castello, dizendo-lhe que fizesse cessar tais propostas.

O Congresso elege Castello Presidente da República, e este conserva Costa e Silva na pasta da Guerra e não chama Cordeiro para compor o ministério. *Tenho a impressão de que meu nome estava bloqueado,* explica. Defende frouxamente o amigo, acredita ter ele assumido tal compromisso para receber o apoio de todos. E acrescenta, melancólico: *Fizeram a exigência e ele cumpriu.*²⁹

Eram dois soldados, mas dois soldados cada um deles jogando seu jogo político, e Cordeiro, que era *do ramo*, não ignorava tal fato da vida. Aliás, num desafo do tipo *sou, mas não sou eu só quem é*, evitou confirmar uma possível candidatura de Castello ao governo do Ceará, ao tempo em que este comandou a 10ª Região Militar, em Fortaleza, e ele Cordeiro comandava a Zona Militar do Norte, em Recife. Mas acrescentou, prudente: *Eu já era íntimo de Castello, mas só em 1964 é que vim a conhecê-lo como um animal político, plenamente político.*³⁰

Castello ainda nomearia o chefe e amigo, a quem cerimoniosamente tratava de senhor, ministro para o MECOR, cargo em que ele desenvolveu intensa atividade. Viajando por todo o interior brasileiro, reviu lugares caros para a sua memória de revolucionário da Coluna Prestes. O comando da ESG permitira-lhe sistematizar o conhecimento do Brasil, e o

²⁷ *Diálogo*, p. 582.

²⁸ *Ernesto Geisel*, ob. cit. p. 163.

²⁹ *Diálogo*, p. 585.

³⁰ *Diálogo*, p. 464.

MECOR dar-lhe-ia oportunidade para aplicá-lo. Mas o Presidente Castello conduzia inflexível a dura tarefa de reconstrução nacional, e de recursos para grandes empreendimentos somente seus sucessores disporiam.

Os que produziram o *Diálogo* referem-se à visão *civilista* da Revolução de 1964 que teria o general, ao dizer que a sua vanguarda foi a opinião pública e, dentro dela, as mulheres. Cordeiro ilustra com exemplos fortes tal assertiva. Haverá revolucionários que a considerarão exagerada, mas os primeiros a discordar dela, ou melhor, a preferirem silenciar sobre ela serão as esquerdas. Segundo a *História politicamente correta*, em 1964 não houve uma revolução, mas um golpe militar. Nisto acreditam, honestamente, os que têm os horizontes de leitura confinados aos textos competentemente patrulhados à disposição do grande público.

Com a autoridade de grande conspirador de 1964, sentencia o General Cordeiro de Farias: *Quem fez a Revolução não fomos nós, foi Jango com sua política, suas atitudes*.³¹

AFASTAMENTO DA REVOLUÇÃO

O distanciamento de Cordeiro da Revolução não tardaria. Em junho de 1966, Castello vê impotente o amigo Costa e Silva ser sagrado candidato a sucedê-lo. Cordeiro pede demissão do MECOR. Ele e Costa e Silva, apesar de afirmações em contrário, eram inimigos

cordiais. Onde um estivesse, não haveria lugar para o outro.

A saída do ministério marca o início do distanciamento de Cordeiro de Farias da Revolução, ou melhor, do processo revolucionário conduzido por Costa e Silva e por seu sucessor, o General Médici.

A revolução vitoriosa já havia alijado dos esquemas de poder muitos de seus paladinos mais valorosos, como o Governador Magalhães Pinto e o General Mourão Filho, os preparadores e deflagradores do movimento em Minas Gerais. Com a demissão de Cordeiro, afastava um dos revolucionários mais ativos, *revolucionário autêntico*, para usar expressão do gosto do Coronel Jayme Portella, que irritava o Presidente Castello. Mais importante, ainda, punha de lado um homem de pensamento e ação, mestre na arte da conversa política e inclinado à conciliação. No *Diálogo*, ele faz a contabilidade das contribuições para a Revolução e aponta os que nela, tendo investido pouco ou nada, colheram muito, ou tudo. Mais um fato da vida, aos quais já deveria estar acostumado, mas que põem um traço de amargura nos seus juízos.

Provavelmente, numa reação à pouca estima que via em camaradas do Exército, Cordeiro é duro e ácido com eles e injusto na generalização radical. *O Exército dormiu janguista no dia 31 e acordou revolucionário no dia 1º*, quando Jango fugiu, fulmina. Mais adiante, concentra fogos: *A cúpula militar, é triste dizer isso, adieriu por força das circunstâncias*.³² Pouco mais adiante, se contradiz, faz justiça à área onde mais intenso foi seu trabalho, São Paulo: *Nós tínhamos o apoio de dois terços da oficialidade do II Exér-*

³¹ *Diálogo*, p. 566, 570.

³² *Idem*, *ibidem*.

cito. Refere-se ao Rio, onde diz que *muito poucos oficiais-generais em função de comando se envolveram efetivamente no processo conspiratório. O número de oficiais superiores já era bem maior, mas a grande massa era da oficialidade jovem, tenentes, capitães e majores. Generais e oficiais superiores eram relutantes, enquanto a oficialidade jovem era impetuosa, ardente, determinada a entregar-se à luta. Não teria ocorrido algo não exatamente igual, mas semelhante, nas revoluções de que participou na década de 1920? Sim, mas o que fere o coração do velho lutador são as diferenças entre o seu tempo de tenente e os dias de hoje. Ao falar de sua época, comenta, melancólico: Não que fôssemos melhores. A verdade, porém é que a mentalidade antiga era melhor. Concede ter havido certas melhoras, mas o espírito das pessoas enfraqueceu. O amor à causa, o patriotismo e o desprendimento foram substituídos pelos interesses, e as pessoas têm muito a perder. No meu tempo, não havia nada a perder, e nós nos entregávamos por inteiro a grandes causas,³³ conclui Cordeiro, resvalando para o terreno movediço do meu tempo, no qual todos nós, em algum momento, ainda que somente por breves instantes, nos deixamos submergir.*

Cordeiro, como de resto muitos camaradas do Exército, discordava do emprego das Forças Armadas no combate à subversão, em missões de caráter policial. Também a muitos militares repugnava o pesado ônus imposto pela *guerra suja*, e não lhes faltavam razões para isso. Como

contra-argumento, diga-se que o engajamento dos militares somente se processou quando o fraco desempenho dos organismos de segurança convencionais permitiu o perigoso crescimento da subversão armada. Os terroristas e guerrilheiros de 1960-70 não eram os tenentes revolucionários e os combatentes da Coluna Miguel-Prestes. Só a competência das três Forças, com a cooperação dos organismos de segurança e civis, evitaria que o Brasil se transformasse em um enorme Vietnã, como preconizavam as esquerdas armadas. Ou que fôssemos hoje uma dividida e asediada Colômbia.

Ao se cogitar da sucessão, o Presidente Castello ainda incluiu o nome de seu *Ministro Cordeiro de Farias na lista de possíveis candidatos, ao lado dos tenentes de 22, Generais Juracy Magalhães e Bizarria Mamede*. Mas nenhum deles, nem outro nome qualquer teria condições de disputar com o General Costa e Silva as preferências das Forças Armadas, fator decisivo para qualquer candidatura. O Presidente General Geisel reconhece em Cordeiro *um candidato em potencial, pessoa ótima, bom companheiro, mas o pessoal no Exército não simpatizava muito com ele... Passou anos envolvido na política... Não era benquisto em certas áreas do Exército...*³⁴

Apesar da hostilidade de colegas do Exército, o ativista Cordeiro de Farias não se posicionou contra a Revolução. Afastou-se da política, dedicou-se a atividades empresarias no grupo de seu amigo João Santos, de Pernambuco. Atividades novas, absorventes, mas não o suficiente para drenarem suas energias de político e articulador. Em setembro de 1972, a luta das

³³ *Diálogo*, p. 569.

³⁴ *Ernesto Geisel* - Ob. cit., p. 199.

esquerdas armadas nos seus estertores,³⁵ dá uma entrevista a *O Estado de S. Paulo*, preconizando para o Presidente Médici um diálogo franco e completo com os políticos. Castello e Costa e Silva haviam tentado isso. Ou porque o fizeram prematuramente, ou porque não o souberam fazer, aquelas tentativas levaram ao AI-1 e ao AI-5. É interessante ler-se o que o comentarista político escreveu a respeito.³⁶ Cordeiro sabia que radicais do outro lado e não apenas revolucionários trabalhavam para impossibilitar o diálogo. Ainda hoje, o radicalismo continua a permear o que se publica sobre a Revolução de 1964 e os militares.

Durante a abertura *lenta e segura* de que falou o General Golbery do Couto e Silva, Cordeiro circulou com desenvoltura nos acampamentos da oposição, conversando com seus líderes mais enraivecidos. Os dois amigos, parceiros de muitas conspirações, eram militares políticos, tinham semelhantes gosto e talento pela política e, por isso, eram objeto de semelhantes restrições da parte de seus camaradas de farda.

DIÁLOGO

Juarez Távora publicou memórias, João Alberto escreveu *A Marcha da Colu-*

na.³⁷ Cordeiro de Farias discursou, deu entrevistas e, quando decidiu falar de sua vasta experiência, escolheu o caminho já trilhado por um seu contemporâneo, de presença também marcante na vida nacional, o General Góis Monteiro:³⁸ o depoimento gravado. Nele queixa-se Cordeiro: *Nunca fui ouvido por qualquer autoridade brasileira sobre a experiência da Coluna Prestes ou mesmo sobre a Segunda Guerra*. Esquece-se de que poderia ter feito isso na Itália, seguindo o exemplo da seção de História existente nos exércitos dos Estados Unidos. Ou no Brasil, quando na chefia do EMFA.

Cordeiro de Farias gravou cerca de 100 horas de entrevistas para o CPDOC - o Centro de Processamento e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. *Complementadas por outras fontes, elas permitiram que fosse escrita e publicada a história oral de seu meio século de combate*,³⁹ sob a forma de diálogo. O livro será reeditado pela Biblioteca do Exército, no ano do centenário do nascimento do General. O *Diálogo* é amplo, cobrindo a vida do General desde sua adolescência, no início do século passado, até a abertura conduzida pelos dois últimos presidentes militares, General Ernesto Geisel e João Batista de Figueiredo. É, também, aberto, franco, escrito em esti-

³⁵ Escreve o talentoso comentarista político Carlos Castello Branco, em 1971: *As atividades terroristas, que haviam começado a se expandir em 1969 e alcançado seu climax em 1970, refluiram ante a eficiência demonstrada pelos aparelhos repressivos, que terminou por encontrar os métodos adequados a enfrentar o adversário*. Anuário Delta-Larousse, 1971, p. 29.

³⁶ Ainda Carlos Castello Branco: *O Governo do General Médici, implantado como desfecho de uma prolongada crise, pretende ter aprendido lições oferecidas pelos episódios de 1968. Entende-se que o Marechal Costa e Silva teve seu governo tumultuado por uma abertura prematura da qual se teria tentado anular, em seus fundamentos, o movimento de março de 1964*. Ob. cit., p. 29.

³⁷ *Lins e Barros*, João Alberto - Ob. cit.

³⁸ COUTINHO, Lourival - *O General Góis Depõe*.

³⁹ *Diálogo*.

lo direto, mesmo ao tratar de assuntos delicados, como a FEB e a Revolução de 1964. Trata-se de livro de leitura obrigatória para quem queira conhecer a vida do General e a História do Brasil da década de 1920 à de 1970. Ele forneceu a base para este artigo.

FIM

Político, diziam com desdém contemporâneos de Cordeiro - desdém muitas vezes mal escondendo o ressentimento por ser ele um militar político bem-sucedido. Na divisão dos oficiais da década de 1920 - profissionais e cruzados - Cordeiro pertencia a esses últimos, formando dentre os mais destacados. Isso não significa que não tivesse sido profissional competente, aluno distinguido nos cursos que fez e de capacidade provada no combate. O Tenente Cordeiro tinha diante de si carreira tranqüila e brilhante no Exército. Mas pôs tudo em risco, a começar pela vida. Durante meses esteve preso, fugiu, conheceu os rigores do exílio, voltou para suportar anos de fadigas e de perigos em combates pelo interior do Brasil.

Cordeiro foi um dos raros oficiais de sua época a comandar debaixo de fogo, desde Tenente, à testa do 4º Destacamento da Coluna Miguel Costa-Prestes, Capitão, organizando e levando à vitória um outro destacamento em combate contra a Revolução paulista de 1932, na represão à Intentona Comunista de 1935, e

como General, no Comando da Artilharia Divisionária da FEB.

Promoções, cargos, prestígio e honorárias caíram muitos e velozes sobre Cordeiro, sem que os perseguisse. Chegavam-lhe naturalmente, decorrência da inteligência, da capacidade de fazer, do trato cordial, do magnetismo de uma personalidade que se fazia sentir em todos os ambientes em que se encontrava. Getúlio Vargas, o extraordinário político missionário, em curtas entrevistas detectou em Cordeiro o homem para grandes missões. O incorrigível sedutor, já no limiar da deposição, em 1945, ainda tentou cooptar o General que lhe levava o ultimato para que deixasse a presidência.

Nada mais natural que esse homem bafejado pela fortuna despertasse animosidade e inveja. E que se tentasse feri-lo no que ele muito valorizava: a sua condição de militar, de visceralmente *milico*, como queria ser visto. Proclamava essa condição tão repetidamente, que se é levado a pensar ser ele o primeiro a duvidar dela, precisando reafirmá-la a cada momento.

Cordeiro de Farias destaca-se na *espécie* de militares que viveram em um país longínquo, tão distante do Brasil de hoje que aos jovens é difícil compreender que tenha realmente existido. Essa espécie, com seus melancólicos desacertos e portentosos feitos, mas com invariável idealismo, concorreu para nos deixar o legado do Exército brasileiro do nosso tempo. Dele e dos que o construíram sobramos motivos para nos orgulhar. ●

MARCOS DA VIDA DO GENERAL CORDEIRO

DATA	MARCOS	EVENTOS NACIONAIS
1901	16 de agosto, Jaguarão (RS): Nascimento, filho do Coronel Joaquim Barbosa Cordeiro de Farias (PE) e de Corina Padilha Cordeiro de Farias	Presidente da República Campos Salles (1898-1902) "República do café-com-leite"...
1917	Realengo: matrícula na Escola Militar	Presidente Wenceslau Braz (1914-18).
1919	Realengo: Aspirante-a-Oficial de Artilharia	Ministro da Guerra: Marechal Hermes da Fonseca
1922	5 de julho, 1º Tenente: Escola de Aviação Militar - Observ. Aéreo. Comprometido na conspiração, preso por seis meses na Fortaleza de São João.	Presidente Epitácio Pessoa (1919-22). Ministro Guerra: Eng. Pandiá Calógeras.
1924	Marcha com os revoltosos do PR, ao encontro com os de SP.	Presidente Artur Bernardes (1922-28). Revolta no Rio, 18 do Forte. Revolta em SP e no RS.
1925	Comandante de Destacamento da Coluna.	Coluna Prestes-Miguel Costa parte do RS.
1927	Interna-se na Bolívia.	Presidente Washington Luís (1926-30).
1928	Volta ao Brasil e é preso na Fortaleza São João e Santa Cruz. Solto, conspira.	Interna-se na Bolívia com a Coluna.
1929	Casamento com Avany Barcelos.	A Revolução de 1930 triunfa e Getúlio Vargas assume a
1930	Atua como revolucionário em Belo Horizonte. Capitão aos 29 anos.	Presidência (1930-45).
1931	Major, Chefe de polícia em SP.	General José Pessoa reforma a EM do Realengo.
1932	Comanda destacamento contra SP.	Revolução Constitucionalista em São Paulo.
1933	Tenente-Coronel.	Intentona Comunista.
1935	1º lugar na Escola de Estado-Maior, com Menção Honrosa. Combate contra a Intentona.	
1937	Ch EM da 3ª RM (RS) Coronel aos 36 anos.	Golpe de Estado de Getúlio Vargas: Estado Novo. <i>Putsch</i> Integralista no Rio.
1938	Interventor Federal no RS (1938-43)	
1942	General-de-Brigada aos 42 anos.	
1944	Comandante da Artilharia Divisionária da 1ª DIE (FEB) (1944-45)	Início da campanha da FEB na Itália.

1945	Leva a Getúlio a intimação para que renuncie.	Vitória dos Aliados contra o Eixo.
1946	General-de-Divisão aos 45 anos: Comandante da 5ª RM.	Presidente General Eurico Gaspar Dutra (1946-51).
1949	ESG: organiza e comanda (1949-52).	Presidente Getúlio Vargas (1951-54).
1952	General-de-Exército aos 50 anos. Deixa o comando da ESG.	Ministros da Guerra: General Estilac Leal, Espírito Santo Cardoso, Zenóbio da Costa.
1953	Comandante da ZMN (Recife).	Presidentes Café Filho (1954-55), Carlos Luz (1955), Nereu Ramos (1955-56), Juscelino Kubitschek (1956-61).
1954	Pernambuco: Governador (1954-58).	Presidente Jânio Quadros (31 de janeiro a 25 agosto de 1961).
1954	Presidente da Comissão Militar Mista BR-EUA (1959-61).	Renúncia de Jânio. Presidentes Ranieri Mazzili (1961), João Goulart (1961-64).
1961	Chefe do EMFA. Comandante do III Exército.	Revolução de 31 de Março. Presidente Castello Branco (1964-67).
1964	MECOR: Ministro Extraordinário para a Coordenação dos Organismos Regionais (1964-66).	General Costa e Silva candidato a presidente.
1965	Marechal (na Reserva, após 64 anos de serviço).	Presidente Ernesto Geisel (1973-75).
1966	Renuncia ao MECOR. Trabalha no Grupo João Santos.	Presidente General João Figueiredo: 15 de março de 1979 a 15 de março 1985.
1974	Colabora na articulação da abertura.	
1976	Entrevistas com Aspásia Camargo e Walder de Góes, no Programa História Oral do CPDOC, base do livro <i>Meio Século de Combate. Diálogo com Cordeiro de Farias.</i>	
/80		
1981	17 de fevereiro, Rio de Janeiro: Falece aos 80 anos.	

*“O que os sábios fazem no princípio,
os tolos fazem no fim.”*

Warren Buffet